



## A ESPACIALIDADE DO GRANDE SERTÃO ROSIANO: MARGENS E VEREDAS PARA A INVESTIGAÇÃO DA MATÉRIA VERTENTE<sup>√</sup>

Jean Felipe de ASSIS\*

### RESUMO

O espaço do sertão Rosiano somente pode ser entendido pelo leitor por meio da linguagem criada pelo autor e perpetrada pela fala de Riobaldo. A espacialidade internalizada pela experiência é re-significada pela memória e expressa por meio de inúmeras relações entre o espaço físico, o espaço vivido e o espaço recordado. A vivência do espaço-sertão, o seu rememorar e o buscar do profundo nos acontecimentos são mediados por considerações físicas a respeito do espaço por meio da memória e dos sentimentos. As sobreposições de perspectivas e de categorias sobre os modos de apresentar e estudar as ideias de espaço permitem a construção mitopoética rosiana em que a linguagem transforma o mundo por se interessar pelas experiências genuínas em que o maravilhamento se apresenta ao ser humano em seu mundo da vida; neste caso, o sertão inventado por Guimarães e contado por Riobaldo. O espaço no sertão e o espaço do sertão são entrecortados por elementos reais, mágicos, políticos, lúdicos, lógicos, lendários, mnemônicos, místicos e míticos. Resta ao leitor viver perigosamente nos entrecortes dos inúmeros horizontes propostos no contar de Riobaldo; **entre-cortes** são apresentados o espaço e o sertão na verossimilhança do narrar e no ato da leitura.

Palavras-chave: Espaço. Rosa. Grande Sertão: Veredas. Maravilhamento

Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada “realidade”, que é a gente mesmo, o mundo, a vida. Antes o obscuro que o óbvio, que o frouxo. Toda lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação boa dose de verdade. Precisamos também do obscuro (ROSA, 2003, p. 232).

As ideias sobre o espaço na escrita de Guimarães Rosa assumem diversas características e modos de expressão que salientam as polissemias, as ambiguidades e os paradoxos das diversas noções intelectuais relacionadas à

<sup>√</sup> Artigo recebido em 5 de maio de 2016 e aprovado em 21 de junho de 2016.

\* Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: <jeanfelipe@hcte.ufrj.br>.

noção de espaço ao longo do pensamento ocidental<sup>1</sup>. Todavia, diante da obra **Grande Sertão: Veredas**, constata-se a relevância do narrar a partir de experiência e da vivência de Riobaldo, i.e., evidenciam-se os modos pelos quais a análise existencial do narrador tece as intrigas da ação e reinventa o espaço do sertão por suas falas **mitopoéticas**. Diante desta propriedade narrativa – tanto do narrar de Riobaldo quanto da escrita de Guimarães Rosa – as considerações a respeito da ideia de espaço se alicerçam em uma mistura de atribuições físicas, geográficas, psicológicas, afetivas, místicas, metafísicas e religiosas. De fato, se o Sertão é o mundo, este se apresenta por meio das veredas narrativas dos autores: narrador e escritor. O mundo desvelado pelo ouvir ou pela leitura das peripécias do jovem jagunço Riobaldo apresenta as ideias relativas ao espaço subjacente a estes dois autores, visto que tanto o sertão como o espaço **se sabem só por alto**, sendo **traíçoeiros e muito desastrosos ainda que possuam um poder enorme**. Associar o espaço ao sertão é uma forte intuição inicial do presente estudo, visto que no **quietar** de suas presenças estes estão em toda a parte e, por meio destes, a narrativa e o viver da narrativa eclodem: **o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão**<sup>2</sup>.

Associar o sertão ao espaço, sobretudo diante da noção de mundo expressa pelo autor Rosa e pelo narrador Riobaldo, traz um ideal cosmogônico e cosmológico de uma **universalidade particular**. Em outras palavras, ao sertão, como um universo particular diante da realidade Brasileira<sup>3</sup>, contrapõe-se uma particularidade tão intimista desta criação literária do espaço geográfico que o torna um exemplo para todo particular, sendo, portanto, universal<sup>4</sup>. Diante desta constatação, a

<sup>1</sup> Há uma perplexidade diante das ideias de espaço, sobretudo perante um olhar histórico que estude as bases de sustentação das variadas noções da espacialidade e suas aplicações tecnológicas e culturais (MILLER, 2014, p. 18-21; HELLER, 2008, p. 238-277; ALGRA, 1994, p.10-21; HUGGETT, 1999, p. 264-265). As múltiplas formas de entendimento do espaço propiciam distintas formas de expressão intelectual, conforme é possível observar ao longo da história ocidental.

<sup>2</sup>As citações acima são paráfrases que explicitam a articulação entre o espaço e o sertão no discurso de Riobaldo (ROSA, 2006).

<sup>3</sup> Consideração apresentada diante de toda a obra, considerando-se o narrar de Riobaldo para o suposto douto interlocutor oriundo de uma grande cidade ou ainda personificado em muitos momentos por Zé Bebelo. Neste caso, há inúmeros exemplos, destacam-se: o anseio deste se tornar deputado; exterminar o sistema dos jagunços para uma ordem nacional, o pedido de ajuda para os soldados do governo diante do cerco na fazenda dos Tucanos, suas expressões de patriotismo, e sua ida à capital para se doutorar e se tornar um advogado. Assim, o sertão se incluiu no Brasil com um caso particular, mas dentro do sertão rosiano há também algo de universal que se estende para além das nacionalidades.

<sup>4</sup> Esta é uma das dualidades expressas constantemente diante do desenrolar da narrativa: o sertão é o mundo, pois o mundo se envereda por todo o sertão e somente é possível tratar do sertão porque o

espacialidade em **Grande Sertão: Veredas** deve ser estudada também diante dos espaços específicos e como estes se desenvolvem na narrativa<sup>5</sup>.

Dentre os trechos e temas que possibilitam um estudo sobre a noção do espaço em **Grande Sertão: Veredas**, os seguintes são destacados: **A descrição da natureza em muitos momentos se associa indissolavelmente a Diadorim** – tais exposições marcam uma relação entre o espaço físico, o espaço vivido e o espaço recordado das travessias do sertão através de suas veredas; **o contraste entre as guerras no sertão e a Fazenda Santa Catarina**, na qual Riobaldo conhece a Otacília – contrastes marcantes entre o constante desejo de um espaço de tranquilidade e a duradoura realidade de guerra vivenciada no sertão e em suas veredas políticas; **o modo de retratar a travessia do Liso do Suçuarão possui importantes representações simbólicas para a narrativa, sobretudo diante das (im)possibilidades físicas e suas contrapartidas existenciais e metafísicas** – a desertificação, o medo e a morte do primeiro momento são substituídos pela abundância, coragem, vivacidade após a travessia; por fim, o **presumível pacto realizado nas veredas mortas, ou como revelado posteriormente, nas veredas altas, perpassa toda a obra em suas questões morais, existenciais e metafísicas** – neste trecho o espaço e o momento são descritos de maneira singular em suas inter-relações em que as características místicas, mitológicas e existenciais são condensadas, do mesmo modo ao narrar de toda a obra<sup>6</sup>.

---

mundo comum – aquele gerado por **homem humano** – possibilita tal ordem. Tome como exemplo a crítica de Antonio Candido, o qual constata que em **Grande Sertão: Veredas** estão presentes os grandes problemas que atormentam o homem, não podendo, portanto, ser tratado apenas como uma literatura regionalista, mas um romance metafísico (CANDIDO, 1978, p.119-139). De modo semelhante, acredita-se, conforme acima destacado, que a particularidade da exposição desta obra traz consigo a universalidade; e a universalidade, reciprocamente, somente pode se expressar por meio da particularidade.

<sup>5</sup> A partir destes, observa-se como o gênero literário criado por Guimarães Rosa para expor sua estória revela a polissemia da noção de espaço por meio de reflexões existenciais e metafísicas no narrar das peripécias de Riobaldo. Deve-se, por conseguinte, salientar o próprio ato da fala apresentado pelo texto como o momento de instauração e de desvelamento das características do espaço-sertão, sobretudo diante da função da memória e da articulação entre realidade e ficção, física e metafísica, passado e presente, mito e razão. Ao estudo da relação entre o sertão, o mundo e o espaço, segue-se uma análise de trechos especificamente selecionados ao longo da narrativa nos quais as noções a respeito do espaço são antevistas pelo contar **desorganizado**, e em seu conjunto, para a exposição das ações e das peripécias dos personagens.

<sup>6</sup> Há, evidentemente, inúmeros outros trechos específicos nos quais um estudo sobre a descrição e a consideração sobre o espaço se apresentam ao ouvinte-leitor. Entretanto, tais **veredas** selecionadas nos possibilitam investigar as ideias sobre a espacialidade em **Grande Sertão: Veredas** e como as noções do Vero, do Belo e do Bom são expressas na narrativa a partir destas considerações sobre o espaço. O mundo e o sertão são intercambiáveis e neles o humano encontra o seu destino, podendo

Por Diadorim, Riobaldo vive seus anos de jagunço e Diadorim ensina este a apreciar as belezas do sertão. Ao mesmo tempo, o misterioso personagem, por suas atrações, convívios, intimidade e distanciamento, representa os perigos, as dúvidas e as incertezas do viver no mundo sertanejo. Além das experiências vividas, os modos pelos quais a memória retém e organiza os acontecimentos fundem Diadorim ao sertão pelo descrever da narrativa de Riobaldo. Diadorim é a **neblina** de Riobaldo, a ambiguidade dos opostos personificada pela internalização do sertão, ao mesmo tempo em que o sertão é um modo de expressão de Diadorim. Não é possível classificar e categorizar nem o sertão e nem Diadorim claramente; tampouco é fácil exprimir os sentimentos das experiências vividas. Na figura desta personagem, a confusão e a perdição de Riobaldo se materializam, dado que o desejo por aquilo que não pode ser obtido se mistura à impossibilidade de se viver plenamente na ausência do desejado. Morre Diadorim, afasta-se do sertão e ambos devem ser pensados e concebidos pela criação mitológica do narrar de si. A beleza da natureza se mistura às ações humanas, suas peripécias, seus atos políticos, seus amores, em uma concepção ideal do espaço-sertão.

Diadorim ensina Riobaldo a admirar a natureza e, por conseguinte, as memórias deste são perpassadas pelos **rastros** daquele, deixados ao longo de todo o sertão. O contraste com Otacília, atual esposa e sempre distante das aventuras sertanejas, é marcante, visto que na figura desta personagem a promessa de uma vida segura é enfatizada por meio das descrições de lugares calmos e alheios às guerras do sertão. Por outro lado, Diadorim, em sua **neblina**, possibilita a felicidade dos momentos de paz, mas também a tensão dos momentos de conflito. As instabilidades e os perigos do sertão são personificados pelos afetos nutridos por Diadorim e pela construção de sua imagem ao longo do contar de Riobaldo. Ao mesmo tempo em que ao descrever a natureza do sertão pode afirmar que **quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim**, as saudades sentidas, **da idéia e do coração**, são referentes aos momentos tidos com Diadorim no sertão. Vivem-se os perigos e as belezas do sertão através dos sentimentos nutridos por Diadorim. Por outro lado, somente é possível reconstruir os acontecimentos e a **matéria vertente** por meio destes sentimentos. O contar e o

---

investigar a si mesmo e aos acontecimentos a fim de encontrar a si nos modos de narrar suas travessias nas diversas veredas da narrativa.

recontar de Riobaldo somente são possíveis devido aos **rastros** deixados por Diadorim no espaço do sertão; o sertão, por sua vez, somente pode ser exposto a partir das experiências vividas, nas quais Diadorim possui grande relevo. O narrar rompe com a possibilidade de uma separação entre a exterioridade apreendida objetivamente e a interioridade da subjetividade expressas pelo contar. Nas palavras de Riobaldo:

Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembiar, não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam. Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria boca; mas era um delém que me tirava para ele – o irremediável extenso da vida (ROSA, 2006, p. 29).

Se Riobaldo **gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos**, Diadorim **toma conta** de Riobaldo do mesmo modo que o sertão lhe sobrevém inexoravelmente. Trata-se de uma relação inevitável a partir da qual, após o abandono do grupo de jagunços, Riobaldo procura encontrar o sentido de sua vida distante do sertão: **somente é possível sair deste ao nele adentrar profundamente**. A junção entre o espaço do sertão e os sentimentos por Diadorim é bem expressa ao lembrar a travessia do **grande Chico** com o menino – revelado depois como sendo o próprio Diadorim – em sua infância. Mesmo em meio a medos, receios e temores, o jovem Riobaldo cede à força do carisma do menino, desvelando sua **aurora** e descobrindo a natureza do sertão. Ao relatar sua experiência, entende que ele, o menino e toda a natureza à volta deles estavam em íntima conexão. É por Diadorim que o sertão se desvela a Riobaldo e é por meio do sertão que a aurora de sua vida, o sentido do seu viver e o pesquisar do profundo das coisas podem acontecer:

Os olhos, eu sabia e hoje ainda mais sei, pegavam um escurecimento duro. Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido todo assim, o menino tirava aumento para sua coragem. Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. – “Você também é animoso...” – me disse. Amanheci minha aurora (ROSA, 2006, p. 106-107).

Por outro lado, no contar de sua estória, o espaço do sertão é contraposto à Fazenda Cantarina e Diadorim à Otacília. A Fazenda Santa Catarina representa ao longo do contar de Riobaldo tanto a impossibilidade de lá permanecer devido às

peripécias no sertão, como a possibilidade de sair do sertão para encontrar descanso e tranquilidade e, conseqüentemente, ter a chance de enunciar as estórias e aventuras do antigo jagunço. Se o sertão possui inúmeras metamorfoses que se associam aos sentimentos nutridos por Diadorim, as imagens desta fazenda são mantidas estáveis e estão diretamente conectadas a Otacília. No recordar do jagunço, portanto, os espaços são associados às pessoas, aos sentimentos nutridos por elas e, portanto, às experiências tidas e esperadas nas construções imaginadas dos relevos geográficos. Riobaldo ao contar sua estória se sente dividido entre Diadorim e Otacília, fazendeiro e jagunço, a aceitação do amor possível e a rejeição do amor impossível. Por um lado a proteção, a certeza, a confiança e a segurança; do outro, desconhecimento, perplexidade, inquietação. O **espaço-sertão** e o **espaço-fazenda** são revestidos pelos sentimentos, pela memória seletiva do jagunço e pela esperança de uma autenticidade a ser obtida em seu meditar profundo sobre si.

Há quatro níveis a serem destacados ao longo de toda a narrativa descritiva destes locais, sobretudo devido às suas conexões profundas com o contar de Riobaldo: **a vivência das experiências em locais específicos; o recordar destas experiências**, em uma conceptualização ao rememorar os espaços em que a ação ocorreu e pode se repetir; **o contar por meio do diálogo-monólogo da narrativa** em que não apenas a vivência, mas a própria recordação dos espaços e dos eventos deve ser exposta para o entendimento da **matéria vertente**; por fim, **o horizonte do leitor implícito esperado pelo autor**, a fundir suas expectativas e considerações a respeito do espaço com as perspectivas propostas pela narrativa dos eventos de acordo com o contar do antigo jagunço. Estes níveis são misturados a todo o instante, sobretudo devido ao estilo proposto pelo narrar. Ao descrever a busca por poços e a sede do bando, retratando as carências, as necessidades e os perigos do sertão, a falta do líquido é associada à ausência de Otacília, uma vez que ela deseja morrer e viver por Riobaldo (ROSA, 2006, p.48); aos perigos do sertão são contrapostos as promessas de vida feliz nas terras próximas ao céu e nos vastos campos com borboletas<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Dentre os exemplos, pode-se destacar o contraste entre a espera meiga e suave de Otacília e a bravura necessária para atravessar o sertão. De um lado, a espera sem movimento; do outro a inconstância e eterno mover. Riobaldo constata tais diferenças e acredita que tudo na vida **é muito cantável** (ROSA, 2006, p. 485-487).

O ouvinte-leitor, do mesmo modo que Riobaldo, está imerso no mundo, caracterizado como o sertão, e também possui suas escolhas e suas reconstruções afetivas a serem realizadas. Todavia, mesmo após o destino se manifestar, carece-se refletir sobre o seu sentido; e é neste meditar que os espaços físicos são entrecortados pelas reconstruções da memória e dos sentimentos. O Menino que conduz Riobaldo ao longo dos perigos da travessia do rio São Francisco, revela-se, posteriormente, em meio a perigos e ameaças, para a segurança do jovem contador que acabara de fugir do bando de Zé Bebelo. Contrastam-se os perigos do sertão com a calma da Fazenda Santa Catarina: os **Buritis-Altos** se personificam nas imagens de Otacília. Se um destes polos é divino, o outro deve estar na perspectiva oposta:

O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família. Se sem peso e sem paz, sei, sim. Mas, assim como sendo, o amor podia vir mandado do Dê? Desminto. Ah – e Otacília? Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. A Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas. Depois lhe conto; tudo tem o tempo. Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de compesar, numa mão e noutra, amor com amor. Se pode? Vem horas, digo: se um aquele amor veio de Deus, como veio, então – o outro? (ROSA, 2006, p. 139-140).

O contraste entre guerras e calmaria afeta as descrições dos espaços, mas também propicia à inserção de valores variados nas descrições do jagunço aposentado a contar sua estória. Neste contexto, as tarefas da fazenda são transvestidas pelos desejos de paz, incluindo possibilidades não antevistas anteriormente, como **rever as flores desfeitas pelo vento**. Os quatro níveis presentes na obra – **experiência vivida, recordada, contada e lida** – fornecem à Fazenda Santa Catarina uma força simbólica única, visto que esta se associa a um espaço possível de ser atingido a partir das travessias nos labirintos do mundo-sertão. Os modos de retratar o espaço por meio dos sentimentos e da memória enriquecem as descrições e fornecem a elas sentidos que perpassam simbolicamente todos os níveis da narrativa rosiana<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> O espaço vivenciado é revestido pelas lembranças e se torna uma pré-figuração dos desejos humanos, mas também das possibilidades de se viver e de estabelecer as relações humanas essenciais no mundo. Ao contrastar Otacília e Diadorim, Santa Catarina e o sertão, o narrar de Riobaldo segue a constante da obra em relacionar a experiência do espaço com as pessoas, os sentimentos e o anseio de buscar o sentido de ser no mundo pelo refletir profundo.

Nenhum outro episódio narrado contrapõe tão profundamente os valores da Fazenda Santa Catarina do que o ocorrido na Fazenda dos Tucanos. Lá, contrastam-se diversos elementos a partir da ideia de liberdade de movimento em campo aberto e a impossibilidade de sair da casa por estarem os jagunços liderados por Zé Bebelo encurralados. Os sentimentos já presentes sobre a incapacidade deste último em vingar a morte de Joca Ramiro perpassam todos os eventos, constituindo uma íntima conexão entre a desconfiança de Riobaldo e o sentimento de claustrofobia gerado por dias de tocaia sob o perigo dos tiros inimigos. O espaço da fazenda é reconfigurado pelos eventos e pelos sentimentos do jagunço ao narrar o acontecido. Se ao longo das travessias, o **sem fecho** do sertão é nutrido pela abstração de sempre poder cavalgar mais uma légua; na forçada estadia nos Tucanos, os limites do espaço vivenciado é retratado a todo instante, seja pela constante aproximação do cerco de jagunços, seja pela espera do anoitecer para que dois aliados pudessem se espreitar pelas sombras para buscar ajuda, ou ainda na impossibilidade de ajudar os cavalos alvejados nos estábulos a urrir de dor. Os homens do sertão que possuem a possibilidade de estar nos lugares desejados ao longo de seus percursos, estão impossibilitados de se movimentar além dos limites da residência sob tiros do bando inimigo. A vivência do espaço é contrastada, mas também enfatizada pelo **despoder** dos homens de Zé Bebelo; de tal modo, que o próprio tempo já não pode ser medido com precisão ou não é tão relevante quanto a angústia gerada pelo claustrofóbico cerco. Nas palavras do diálogo do qual tomamos parte:

Altas misérias nossas. Mesmo eu – que, o senhor já viu, reviro retentiva com espelho cem-dobro de lumes, e tudo, graúdo e miúdo, guardo – mesmo eu não acerto no descrever o que se passou assim, passamos, cercados guerreantes dentro da Casa dos Tucanos, pelas balas dos capangas do Hermógenes, por causa. Vá de retro! – nanje os dias e as noites não recordo. Digo os seis, e acho que minto; se der por os cinco ou quatro, não minto mais? Só foi um tempo. Só que alargou demora de anos – às vezes achei; ou às vezes também, por diverso sentir, acho que se perpassou, no zuo de um minuto mito: briga de beija-flor (ROSA, 2006, p. 343).

Se por um lado o tempo desmedido ou impreciso é da natureza do contar, a **verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade** somente pode ser antevista nesta indeterminação, porquanto a estória não é vista, mas ouvida pelo contar daquele que vivenciou a transmutação do espaço pelas forças do agir humano. O espaço internalizado pela experiência é **re-significado** pela memória e expresso por

meio das emoções e das lástimas associadas ao evento. **O mundo era muita doideira e pouca razão**, conforme o caos na Fazenda dos Tucanos atestava – mesmo diante das ordens criadas pela imaginação narrativa de Riobaldo. Nela, a escuridão da noite obscurece a confiança do, recém nomeado, Urutu Branco em relação ao chefe do bando Zé Bebelo, visto que este **luzia** suas ordens em ambíguas falas em decorrência de suas relações com o governo e de sua vida no sertão. Salvos pelo estratagema noturno de anunciar aos soldados a localização dos jagunços, o bando encurralado pode enfim retornar ao sertão **sem fecho**, não se alinhar às forças políticas externas ao sertão, mas decidir adentrar as profundezas do labirinto a fim de vingar a morte de Joca Ramiro. O espaço-sertão somente pode ser abarcado pela vivência, pelo rememorar e pelo buscar do profundo nos acontecimentos.

O Liso do Suçuarão e a impossibilidade inicial de sua travessia são significantes para o desenrolar dos acontecimentos e, respectivamente, para o rememorar de Riobaldo. A descoberta do possível pacto de Hermógenes – inimigo a ser perseguido pela morte de Joca Ramiro – se associa à desertificação do espaço físico em suas metamorfoses afetivas e emocionais em relação a Diadorim, mas também em suas analogias e metáforas místicas do encontro de si nas travessias do sertão. Se, em as Veredas Mortas, o espaço existencial do encontro consigo se sobrepõe ao lugar, sua vegetação e seus contornos geográficos; o Liso do Suçuarão promove o movimento inverso: diante da impossibilidade de sua travessia e por ser um lugar inabitável, este espaço específico do sertão adentra as relações sociais do bando, as relações pessoais dos jagunços e a existência individual de cada um deles a partir do relato de Riobaldo<sup>9</sup>.

Se as Veredas Mortas representam o lugar do encontro de si, o Liso do Suçuarão traz em si também as consequências das decisões decorrentes desta auto-afirmação. No contraste entre a impossibilidade da travessia e a ação heroica de tornar o impensável acessível, a concretização da existência no espaço-sertão se materializa nos perigos da vida e na certeza da morte expressas a todo momento pelas descrições do Liso Suçuarão: **o ermo mais longe; quando a gente entesta**

<sup>9</sup> Os atos racionalmente impensáveis para vingar a morte do líder querido propiciam um sutil revelar dos motivos de Diadorim estar com os jagunços e sua importância para Riobaldo. Os inúmeros horizontes de entendimento do mundo-sertão estão interconectados na árdua tensão entre o meio e os seres humanos, sobretudo por meio da linguagem mitopoética utilizada na narrativa.

com aquilo o mundo se acaba; sem água, não é possível avançar, dado que se espia só o começo, só; o vento se sabe sozinho; não tem excrementos; não tem pássaros (ROSA, 2006, p. 34-35). Novamente, como em diversos momentos de sua narrativa, Riobaldo apresenta uma interpenetração profunda e íntima entre o espaço físico, o espaço da existência, o espaço místico, o espaço da narrativa. Estes se interpenetram, embora não sejam determinados por nenhum destes isoladamente, i.e., **co-existem** e se perpassam a todo instante pela experiência recontada do ex-jagunço. Em sua exposição mnemônica, o contador associa ao enorme calor, que impedia a todos de agir normalmente, às forças ocultas que alguns criam possuir Hermógenes. Deste modo, as afirmações **o sol vertia no chão e fogo começou a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente** (ROSA, 2006, p. 48-49) são combinadas com a revelação de um possível pacto feito pelo líder inimigo. Ausência de tudo e a clara iminência de **desexistir** a todo instante, somente o pensar de um espaço idealizado por valores de paz, tranquilidade e calma – Otacília e a Fazenda Santa Catarina – torna possível suportar as desventuras. Ao interiorizar os martírios do Liso do Suçuarão, estes são resignificados pela mistificação da realidade, a ponto de inferir uma relação existente entre os antropomorfismos do espaço físico com a possibilidade da existência de um pacto feito pelo inimigo (ROSA, 2006, p. 50-51).

A mudança pessoal de Riobaldo a partir do ocorrido nas Veredas Mortas o leva a tentar **traspassar** o Liso do Suçuarão para atacar a família de Hermógenes e encadear o confronto final com o bando inimigo. Todavia, diferente do ocorrido sobre a chefia de Medeiro Vaz, o Liso não se impôs tão ferozmente, conduzindo o ouvinte-leitor a indagar a respeito da força do possível pacto feito no silêncio das mortas veredas. Neste contexto, nutre-se a dúvida de Riobaldo, uma vez que ou deveria se negar a experiência anterior, reconsiderando o Liso, ou afirmar o possível pacto e seus efeitos para a obtenção de seus desejos pessoais. Inegáveis são a transformação do jagunço e a coragem de tentar a travessia aparentemente impossível, mas também os modos como as percepções do mundo são modificadas pelas relações mítico-simbólicas do contar do jagunço (ROSA, 2006, p. 508).

Se durante todo o diálogo com o visitante o espaço físico é reconsiderado pela memória e pelo contar do jagunço aposentado, em nenhum outro ponto do texto a exterioridade espacial penetra intimamente o interior do contador do que as

descrições e os relatos do ocorrido nas Veredas Mortas. De fato, torna-se impossível distinguir o exterior do interior: o sertão e suas paisagens são apresentados, recriados e re-constituídos pelo contar de Riobaldo em seus discursos afetivos, em seus medos e receios, por meio de suas aventuras e travessias. O espaço é aproximado pela experiência vivida e descrito pelo contar do antigo jagunço, perpassando as memórias e os sentimentos por Diadorim, mas também e tão profundamente, o encontro místico consigo mesmo, com Deus e com o diabo nestas veredas do sertão. A pergunta central que perpassa toda a conversa a retratar sua vida – já tida por diversos outros momentos como salientado pelos conselhos do compadre Quelém – se origina no silêncio destas veredas, pela não manifestação do diabo para comprovar a concretização de um possível pacto<sup>10</sup>. Este silêncio se espacializa, não apenas nas condições climáticas, nos efeitos fisiológicos e na mudança de personalidade afirmadas pelo narrar de Riobaldo<sup>11</sup>, mas também nos desvios da narrativa. Ao desejar irradiar uma luz para o entendimento de si, o contar do ex-jagunço é de um **sucedido desgovernado**, em razão de contar a partir dos sentimentos e não pela concatenação ordenada dos acontecimentos. Embora entenda que este modo de exposição seja **difícil** e **muito entrançado** visa, ao contar sua vida em conversa, à **matéria vertente**<sup>12</sup>. Desvela-se a importância das

---

<sup>10</sup> Na primeira vez em que são mencionadas (ROSA, 2006, p. 96-98), pede-se para não se aprofundar a respeito do significado das Veredas Mortas, visto que neste **lugar não onde**, a tragédia a ser desvelada ao longo do recitar se manifesta pela expressão **O demônio na rua, no meio do redemunho**. É o espaço do não dito a perpassar todo o dito, o **lufar** do silêncio a permear toda a ação do jagunço e a perscrutar toda a vida do homem que tenta se descobrir após o decorrer dos acontecimentos. Insuficientes são as metáforas hiperbólicas e as imagens da natureza usadas para descrever as Veredas Mortas, já que mesmo o “espaço é tão calado” que o tempo da maior escuridão se antecipa sobre estas.

<sup>11</sup> O narrar de Riobaldo interconecta o frio e as doenças do bando de jagunços em associação às Veredas Mortas (ROSA, 2006, p.418-425). Evidentemente, tais recursos literários tendem a elevar a tensão para o momento decisivo da vida do jagunço, mas também podem ser vistas como as condições nas quais suas decisões extremas foram tomadas a fim de prosseguir com os objetivos traçados de vingá-lo Joca Ramiro. **Daí, despropositou o frio, vezmente. E quase que todos os companheiros já estavam adoecidos. Refiro ao senhor que, da bexiga-brava, não. Mas de outras enfermidades. Febres**

<sup>12</sup> Há, neste sentido, uma quebra na ordem do narrar devido à centralidade, a denotar sua relevância, no sucedido nas Veredas Mortas. Ironicamente, por meio de uma metalinguagem, o autor relaciona a proximidade do objetivo da fala de Riobaldo com a constante proximidade entre este e Diadorim, mas que por desconhecimento do verdadeiro desta amizade o conduz a atitudes estranhas. Assim, embora mude o rumo do contar, Riobaldo revela a razão do mesmo: “Quería entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!” (ROSA, 2006, p. 100).

Veredas Mortas, por meio de suas afirmações e reticências, mas acima de tudo pelo desvio **improvisado** no enredo para focar no necessário, na **matéria vertente**.

O espaço do sertão somente pode ser entendido pelo leitor por meio da linguagem criada por Rosa e perpetrada por Riobaldo; por outro lado, somente pela interiorização dos amores, dos perigos, das travessias, da vida e da morte é que este espaço físico e geográfico pode ser pensado, concebido e exposto. Deste modo, a objetividade do contar é obtida pela subjetividade do jagunço em suas lembranças. Nesta junção entre o vivido, o recordado e o concebido, o sertão e seus lugares ganham vida pelo narrar de si. O mundo e o sertão são intercambiáveis, assim também o destino e as ações dos humanos são mesclados com a vegetação, os caminhos, as veredas e suas formas mitopoéticas do recitar do jagunço aposentado. As Veredas Mortas, encruzilhada, ponto central, momento de mudança, é o local em que o pensamento do que não é se materializa e a culpa de Riobaldo se enraíza; por isto, trata-se de um lugar que não deveria existir e não poderia ele ter ido<sup>13</sup>. É ali que Riobaldo conhece o seu **limite certo** ao encontrar o seu destino pessoal e se fundir com o sertão no silêncio e na escuridão daquelas veredas durante toda a madrugada. No silêncio e no escuro, nada há a ser dito ou retratado, apenas a solidão do humano em seus anseios existenciais. O subir e o descer das Veredas mudam o jagunço e o curso dos acontecimentos, porque o homem se confunde com o espaço em que habita, **soporado, permancendo** (ROSA, 2006, p. 423).

O sertão é o mundo, o mundo é o sertão e por meio da linguagem este espaço, particular e universal, é re-tratado, re-significado e re-descoberto nos **contos críticos**<sup>14</sup> de João Guimarães Rosa, nas peripécias da vida do jagunço e no ato do narrar de Riobaldo. Ao buscar o **vertente** e não apenas as aparências, o autor mineiro se aprofunda em uma tarefa de transformação da realidade por meio

<sup>13</sup> A revelação ao final do livro que as pessoas conhecem o mesmo local como Veredas Altas (ROSA, 2006, p. 601) sugere o que toda a exposição da conversa já alertara ao ouvinte-leitor: o sertão se conhece do interior das pessoas e no modo como elas o expõem também. Os espaços particulares do sertão podem ser expostos por meio da experiência das pessoas na constante luta da vida, em um amálgama entre o exterior e o interior.

<sup>14</sup> Termo usado pelo próprio autor e recebido amplamente pela crítica (LORENZ, 1983, p. 71). Até mesmo a obra magna, **Grande Sertão: Veredas**, pode ser vista sob a ótica interpretativa dos **contos críticos** ao desvelar, por meio de sua narrativa em forma de diálogo-monológico, diversos núcleos literários em que as formas da lenda e do conto se misturam na composição da obra (GALVÃO, 1972, p. 67-69); (HANSEN, 2007, p. 29-49). A união entre ficção poética e realidade permite ao **contista de contos críticos** retornar ao centro irradiador da linguagem.

da lírica poético-lendária do sertão, apreendendo e re-figurando o sertão à medida que se aventura além dos limites da racionalidade convencional, na esperança de resgatar o inefável submerso nas cinzas das inúmeras camadas que codificam a realidade e impedem o ser humano de possuir uma experiência genuína no mundo<sup>15</sup>.

Não é possível distinguir o sertão, o mundo e a linguagem pela qual este é apresentado, sobretudo devido à intencional ambiguidade a perpassar toda a obra e a romper com as pretensões lógico-formais de entendimento da obra e do mundo. Contudo, na imersão da linguagem e em suas transformações, o mundo do sertão se apresenta ao ouvinte-leitor pelo contar do jagunço Riobaldo<sup>16</sup>. A perplexidade encontrada ao se estudar a noção de espaço ao longo do pensamento ocidental, é refletida nos usos do termo sertão ao longo da produção rosiana. Em ambos os casos, pode-se apenas tangenciar os termos sem, contudo, categoricamente determinar o objeto de estudo, restando uma avaliação das inúmeras características que podem ser apreendidas por diferentes metodologias e interesses. Necessita-se da intimidade da subjetividade, mas também dos métodos de exposição objetiva a partir dos quais o espaço-sertão pode ser apreendido, exposto e ressignificado. A respeito das semelhanças de abordagens sobre o sertão e o espaço o seguinte trecho de **Grande Sertão: Veredas** é elucidativo:

Que assim viemos. Mas, conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso. O senhor...(ROSA, 2006, p.532).

<sup>15</sup> Deve-se investigar as bases de sustentação do mundo a fim de trazer à luz, o máximo possível, a possibilidade de maravilhamento. Rosa se utiliza do lugar vivencial do sertão como um *leitmotif* ao longo de sua obra. Trata-se de um espaço percebido por suas inúmeras características, entre estas, as geográficas, as físicas, as subjetivas, as espirituais e as metafísicas.

<sup>16</sup> Tema recorrente na crítica rosiana, a escolha da voz narrativa como sendo um jagunço aposentado, com acesso a algum nível de erudição, permite ao autor transformar a linguagem ao prazer do contar de seu personagem. Neste contexto, entende-se a afirmação **Quando escrevo repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léxico apenas não me é suficiente** (LORENZ, 1983, p. 72). Todavia, a mudança de léxicos ou as transformações sintáticas e semânticas ao longo da obra servem à proposta rosiana de **descobrir pedaços do infinito** ou o grande mistério do mundo por meio da escrita. **A linguagem e a vida** são unas e a transformação da primeira implica uma nova dimensão do entendimento da segunda. Assim, ao se apresentar o sertão pelo contar de Riobaldo, suas premissas, predisposições e exposições são transformadas pela subjetividade do jagunço, i.e., o mundo apresentado pelo sertão é místico-metafísico, auxiliando ao narrador em sua busca pessoal de si.

A dificuldade em manter firme uma opinião ao longo das travessias e das mudanças da vida é grande, para tanto o jagunço aposentado Riobaldo, ao narrar sua estória, não deseja falar daquilo que se deu e, tampouco, delinear as coisas como elas são em si mesmas, visto que as coisas que são expostas pela linguagem não podem ser feitas no vazio, mas permeadas pelo tempo e pelas marcas das travessias humanas no mundo do sertão e nos sertões do mundo. Todavia, a fala aborda o seu ouvinte e, por conseguinte o leitor, sobre a impossibilidade de se ausentar do sertão, mesmo que somente seja possível conhecer o sertão **sorratamente**<sup>17</sup>. Contudo, este se apresenta aos sentidos por suas características físicas e geográficas e, no caso de Riobaldo, por meio de sua memória e dos sentimentos nutridos por Diadorim. Em **Grande Sertão: Veredas**, entre o concreto e o abstrato, o fantástico e o realista, o racional e o místico, o espaço-sertão atravessa toda a narrativa.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade (ROSA, 2006, p.7-8).

Ao flertar com o infinito nas particularidades do sertão, o ouvinte-leitor é conduzido a imaginar um espaço **sem fecho** em que um pode sempre andar uma légua a mais sem qualquer mudança significativa na paisagem. Ao mesmo tempo, este mesmo espaço carece de ser concretizado nas formas geográficas, nas atividades arquitetônicas humanas, nas formas de vida e nas possibilidades de morte. Há um vínculo indissolúvel entre o interno e o externo – o humano e o sertão; o sertão e o mundo; a obra e o leitor<sup>18</sup>. Esta busca visa ao sentido de sua

<sup>17</sup> Da mesma maneira que a noção de espaço, situação e lugar ao longo do pensamento ocidental, não se pode conceber o humano ou as coisas imersos e alocados em um pleno vazio; ao mesmo tempo, ao se buscar entender as condições nas quais estes se estabelecem e se apresentam à apreensão dos sentidos, há uma sensação de desastrosa contradição ou um contrassenso absurdo. Embora seja necessário pressupor o espaço-sertão, este é traiçoeiro e impossível de ser domesticado pela razão ou pelas técnicas humanas: está em toda a parte, não se pode se ausentar dele, mas tampouco é possível descrever com precisão o que seja.

<sup>18</sup> A *mimesis* rosiana se enraíza profundamente no mundo e o seu mundo é o sertão – um espaço representado em todas as potências da linguagem por meio do qual o narrar de Riobaldo busca entender o profundo do mundo (VIGGIANO, 2007, p. 87-99). O autor salienta que a *mimesis* rosiana possui um lugar vivencial preciso e delimitado ao longo de sua obra, tornando possível uma associação entre o interior e o exterior na experiência do espaço-sertão.

existência no espaço do sertão – em que **viver é muito perigoso** –, mas também, entre sertão e veredas, é possível pensar sobre o maravilhamento do viver<sup>19</sup>.

O espaço-sertão se insere profundamente em todas as características particulares que podem ser delineadas ao longo das obras rosianas, e.g., geográfica, física, mística, afetiva, mnemônica; todavia, transcende a todas estas devido à universalização dos temas e dos desejos intrínsecos do autor expressos por meio de suas construções simbólicas e de sua linguagem **mitopoética**. O mundo é um labirinto explorado pelo ouvinte-leitor diante do contar e do narrar de Riobaldo nos dédalos do sertão. Atravessados pelas aventuras do jagunço em sua reconstrução de si por meio da fala, o ouvinte também é conduzido a pensar sobre o sentido cósmico do nosso mundo (ALMEIDA, 2007, p. 104-127)<sup>20</sup>. Os horizontes são mesclados no ato da fala e ao se sentar para ouvir, as percepções sobre o espaço nas construções do nosso mundo convergem para a pergunta mística do jagunço sobre a possibilidade de seu pacto. O ouvinte possui **o centro do labirinto estilizado** entre realidade e fantasia, pelo contar do sertanejo devido à sua dúvida inquietante. Nas particularizações e na universalização do sertão, as perspectivas espaciais facilitam a interação entre os inúmeros horizontes por meio dos quais se apresenta o místico-sertão em suas considerações geográficas, simbólicas e míticas.

Tais vias orientam não apenas a Riobaldo diante do mistério do mundo, mas ao ouvinte-leitor que atento ao contar do jagunço se vê entrelaçado entre o espaço do sertão e o espaço de sua vida. Se, de fato, **há tudo para quem souber ler**<sup>21</sup> no sertão de Guimarães Rosa, é porque, ao se aprofundar no específico do sertão, o contar do jagunço aposentado se estende para o mundo do leitor em seus temas mais importantes. Desta maneira, não há dois planos entrecortados, mas três,

<sup>19</sup> Conforme salientado nas inúmeras correntes do pensamento ocidental, há uma tensão entre a subjetividade especulativa-imaginativa e objetividade descritiva-tecnista ao se estudar as ideias sobre o espaço. No caso do universo rosiano, estas são interpenetráveis e permeadas pelo olhar **místico-metafísico** em que o humano constrói suas redes simbólicas e procura se orientar e se descobrir no mundo.

<sup>20</sup> O **projeto narrativo** ao enfatizar a distância pelos usos do tempo e da memória permite a Riobaldo buscar não apenas o profundo no curso das ações, mas também a indagar a respeito de si e se reconstruir durante o narrar. Por outro lado, na universalidade da construção do sertão como um mundo, os leitores também são conduzidos à pergunta central que é sintetizada na fórmula simbólica do pacto com o Diabo. Nas palavras de José de Almeida, “também nós, ao percorrermos com Riobaldo as veredas do sertão, de certa maneira compartilhamos dessa mesma perturbadora e fascinante exploração do ‘mistério cósmico’, que constitui, em última análise, a essência do grande romance” (ALMEIDA, 2007, p. 109)

<sup>21</sup> Frase consagrada na crítica rosiana por Antonio Candido (CANDIDO, 1978, p. 121).

estipulados pela ação, pela narração e pela leitura. O labirinto do mundo, metáfora para explicitar o **maravilhamento** e a perplexidade do humano, é retrato por meio do sertão, em meio às peripécias e às transformações de Riobaldo<sup>22</sup>.

As sobreposições de perspectivas e de categorias sobre os modos de apresentar e estudar o espaço auxiliam a construção mitopoética rosiana em que a linguagem transforma o mundo por se interessar pelas experiências genuínas nas quais o **maravilhamento** se apresenta ao ser humano em seu **mundo da vida**; neste caso, o sertão inventado por Guimarães e contado por Riobaldo. Não é possível discriminar uma única categoria de análise, porquanto o modo de apresentar a narrativa é permeado pela subjetividade do jagunço, por suas memórias, por seus sentimentos e por seus interesses. Ao buscar delimitar o sertão exposto geograficamente, as rédeas do real são confundidas com as forças do mito; ao buscar descrever os locais em que as ações são desenvolvidas, os sentimentos por Diadorim são mesclados às afeições do autor e do narrador aos animais, às pastagens, aos rios; ao buscar apreender logicamente as travessias pelo sertão, o narrar lendário conduz os cavalos a locais distintos daquele que poderiam ser esperados. O espaço no sertão e o espaço do sertão são entrecortados por elementos **reais, mágicos, políticos, lúdicos, lógicos, lendários, mnemônicos, místicos e míticos**<sup>23</sup>.

Enunciar o sertão é pressupor todas as perspectivas em todas as suas potências em diferentes modos e atualidades. Dentre os variados exemplos sobre este amálgama de perspectivas, destacam-se aqueles em que a dualidade Deus-diabo se apresenta no narrar de Riobaldo, sobretudo se for considerado o interesse final sobre a existência do pacto com o demônio. De um lado, a crença na existência

---

<sup>22</sup> Transformar o mundo somente é possível pela transformação da linguagem (LORENZ, 1983, p. 62-65); e esta mudança somente se torna tangível quando purificada pelas experiências genuínas com o mistério do mundo. Deve-se adentrar o sertão para se sair dele, deve-se deixar se enredar pela fala do jagunço para que suas dúvidas, indagações, travessias e caminhos também nos oriente (CANDIDO, 1978, p. 139).

<sup>23</sup> (GALVÃO, 1972, p. 69-75); (GALVÃO, 2000, p. 30; p. 135-139). A autora entende que a marca da ambiguidade é significativa para o desenvolvimento da narrativa, mas também considera que o modo cosmológico de apresentar o sertão por meio de uma linguagem mítico-simbólica favorece a exposição do maravilhoso no cotidiano. No caso da segunda obra citada, salienta: “Ao escrever o romance, marcado pelo signo da ambiguidade, Guimarães Rosa mitifica esse grande espaço interior do Brasil que é o sertão, recolhendo as sagas dos guerreiros que o habitaram. Um espaço sem fronteiras interiores nem exteriores, tendo por pontos de fuga no horizonte, aludidos, mas nunca mostrados, a cidade e o mar. Um espaço onde o maravilhoso e o fantástico fazem parte da vida cotidiana.”

do divino a sustentar todo o sertão por meio de sua bondade, **Deus é alegria e coragem – Ele é bondade adiante**; do outro, os males inegáveis e a constante busca em negar o Diabo, mesmo após desejar o pacto nas mortas veredas e ter o silêncio – a gente mesmo, demais<sup>24</sup>.

O sertão é sem pressa ao ser visto como uma paisagem, mas é **airoso** como Riobaldo pronto para atravessar o Liso do Suçuarão após tantas desventuras. Misturam-se, assim, pelo contar do jagunço, os horizontes de apreensão do sertão por meio de suas imagens simbólicas, dos sentimentos do narrador, das estruturas narrativas e das características físicas ou geográficas dos locais destacados. Se o sertão não impõe ao humano o seu destino, tampouco é algo indiferente às peripécias deste; ao seu tempo, a simbologia mística representada pela afirmação do divino e pela negação do diabo predispõe uma interação entre as ações humanas e os seus sentidos sagrados mediante as travessias humanas no **sertão do mundo**. O humano existe no sertão, o divino por intermédio das ações humanas se revela:

E nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (ROSA, 2006, p. 343).

Ações estas que conduzem Riobaldo através do grande rio na companhia do menino e do sertão, ao lado do jagunço Reinaldo, seu amado companheiro Diadorim. Ações humanas que conduzem Riobaldo para a chefia e acarretam as consequências da infausta sentença **o diabo na rua, no meio do redemunho**, explicitada na batalha final em que a morte desvela o grande amor vivido e nunca tido. O sertão, espaço da vida e da morte, do encontro e do desencontro, de Deus e do diabo. Tão profundamente entranhado no humano que os destinos das ações e da natureza se misturam a ponto de se confundir os agentes humanos por meio da mística da palavra e da enunciação do narrar. O espaço da vida se mistura ao espaço da batalha e, entre o apresentado e o antevisto, misturam-se o físico, o metafísico, o místico e o afetivo no vocábulo rosiano para o sertão.

<sup>24</sup> Deus e Diabo, portanto, não se referem a tradições e a discursos teológicos específicos, mas uma das condições de entendimento do espaço-sertão por meio das experiências pessoais narradas por Riobaldo. Na impossível tarefa de separar o bom do mau, o sim do não, o seguro do duvidoso, o certo do errado, estas duas imagens simbólicas permeiam o entendimento do sertão e são usadas ao longo da narrativa em diversos contextos.

O que era um riso escondido, tão exato em mim, como o meu mesmo, atabafado. Donde desconfiei. Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era idéia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ... Satanão! Sujo!... e dele disse somentes – S... – Sertão... Sertão...

Na meia-detença, ouvi um limpado de garganta. Virei para trás. Só era o cego Borromeu, que moveu os braços e as mãos; feio, feito negro que embala clavinote. Sem nem sei por que, mal que perguntei:

– “Você é o Sertão?!”

– “Ossenhon perfeitamém, ossenhon perfeitamém... Que sou é o cego Borromeu... Ossenhon meussenhor...” – ele retorquiu.

– “Voxe, uai! Não entendo...” – tartamelei.

Gago, não: gagaz (ROSA, 2006, p. 591).

Gagos e **gagazes** somos na tentativa de decifrar o mistério do mundo, conforme as noções de espaço e do sertão apresentado por Rosa nos indicam. Tão intrincados os homens, suas crenças e o sertão que estes se confundem mesmo na aglutinação e aliteração da letra **s** no desenrolar do derradeiro relato. O sertão é melhor descrito por metáforas, uma vez que qualquer intenção de expressar o mesmo diretamente flerta com o vazio, com a inconsistência, com o paradoxo, com a cegueira da razão e a gaguez da fala humana<sup>25</sup>. Interrogado por Günter Lorenz se esta perspectiva, presenciada na própria pessoa de Guimarães Rosa, poderia ser interpretada como uma incoerência, o autor alude para o fundo paradoxal do mundo:

A vida, a morte, tudo é, no fundo, um paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso, acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática, pois ela própria é um paradoxo, porque cada fórmula que o homem pode empregar é um paradoxo (LORENZ, 1983, p. 68).

Estudar o espaço pode conduzir a razão humana a embaraços impossíveis de serem superados pela própria razão; do mesmo modo o sertão, entre sentimentos e pensamentos, somente por meio de um modo de apresentação que contenha o

<sup>25</sup> Esta abordagem se funda em uma atitude teórica consciente do autor, o qual considera a linguagem como uma possibilidade de tratar do inefável, ao ser constantemente investigada em suas condições, heranças e predisposições. No entanto, mostra-se impossível formular uma sintática perfeita em que sejam evitados os paradoxos ou as contradições lógicas. Ao buscar uma linguagem que trate do **vertente**, i.e., do fundo e da eclosão do ser-evento no mundo, deseja-se algo que supere as regras **matemáticas** ou **lógicas**, pois **elas não valem para o homem** em sua vida perante o infinito. Deste modo, mostra-se como o estilo rosiano visa a incorporar os múltiplos horizontes de entendimento nas inúmeras características do sertão em suas descrições, construções, rememorações. Sem elucidar o mistério, mas por causa do mistério no mundo do sertão e no sertão do mundo, nem Riobaldo, e tampouco o seu ouvinte-leitor, pode fornecer uma expressão do espaço-sertão sem as polissemias, ambiguidades e paradoxos do narrar proposto por Rosa (LORENZ, 1983, p. 67-70).

contraditório pode apresentar o sentido e o supra-senso almejado pelo autor. Inclui-se, neste contexto, o “método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original” (LORENZ, 1983, p. 81). Ora, ao transformar a linguagem para transformar o mundo, acredita-se que a relação do humano com o sertão somente pode se dar nas constituições **mitopoéticas** do narrar que busca lapidar a experiência em busca do genuíno ao se retirar o inautêntico<sup>26</sup>.

A relação entre a linguagem e a realidade é permeada pela invenção imaginativa que a todo instante transforma as imagens herdadas do mundo para pesquisar o fundo e o **vertente**, assim também como este pode ser apreendido pela consciência humana. Eis um intento fenomenológico de Guimarães Rosa: investigar o **mundo da vida** do sertão a partir do **maravilhamento** humano diante do mistério do mundo (ROSA, 2009, p. 29-40)<sup>27</sup>. Ademais, mediante suas narrativas, apresenta-se o sertão como o espaço vivido, estudado, concebido e expresso por meio das linguagens humanas perpassadas pelas razões e pelos mitos. Ao revitalizar a linguagem, purificando-a dos dicionários e de suas descontextualizações, o autor visa a uma renovação do humano. A *performance* retórica disposta ao longo da obra rosiana funde prosa e poesia, ao passo em que uma nova imagem do mundo é produzida por meio da linguagem<sup>28</sup>. Somente é possível adentrar o sertão proposto pelo autor por meio da leitura de seus textos e, no caso de **Grande Sertão: Veredas**, pela escuta de Riobaldo. A universalidade do sertão, sobretudo na caracterização da situação humana no mundo, constitui-se por e através das inúmeras reinvenções da linguagem pelo autor.

---

<sup>26</sup> Tais características somente possuem sua vigência no contexto do mundo da vida e nos três níveis propostos da narrativa rosiana: o sertão, o contar e o mundo implícito pelo leitor. Misturam-se mundo e sertão, leitor e ouvinte, Riobaldo narrador e Riobaldo jagunço. Somente pelos traços do contar de Riobaldo é possível adentrar o universo proposto por Rosa, mas também compreender os modos pelos quais o sertão se espacializa na narrativa e como as formas de retratar o espaço possibilitam algumas apresentações do sertão.

<sup>27</sup> Ao estar contra algumas premissas historiográficas de tendências positivas, a estória permite ao ser humano adentrar a história de um povo, de uma nação, de uma comunidade (PORTELLA, 1983, 198-201).

<sup>28</sup> Há uma inter-penetração entre as ideias metafísicas herdadas da vida e as articulações filológicas que desvelam a experiência humana nas transformações tanto dos significados, mas também dos meios significantes de exposição. Neste sentido, não há criações linguísticas arbitrárias no universo rosiano, mas são exploradas “as possibilidades latentes dentro do sistema da língua” (COUTINHO, 1983, p. 205; 218-219).

**Grande Sertão: Veredas** se apresenta em linhas narrativas que se entrecortam constantemente em relações indissociáveis, mas nunca determinantes entre o sertão e o humano<sup>29</sup>. O espaço somente pode ser percebido, apreendido e exposto no mundo do sertão e por meio de suas falas contextualizadas – inacessíveis àqueles que não se detêm para o ouvir o **devagar dos acontecimentos**. As imagens dos inúmeros horizontes apresentados pelo falar de Riobaldo não oferecem uma representação mimética que almeje a retratar bijetivamente a realidade; entretanto, por suas formas poéticas, permeadas pela imaginação na formação de jogos linguísticos, analogias e metáforas, o sentido pode ser obtido em seu contexto de narração ou enunciação pelas metamorfoses da fala. Neste sentido João Hansen afirma que a imaginação utilizada por Guimarães Rosa é **produtiva** e não **reprodutora** (HANSEN, 2007, p. 32).

Hansen, neste texto, demonstra uma clara tendência a relegar as imagens, construídas ao longo da narrativa, apenas para a funcionalidade, retirando qualquer sentido de interpretação – caracterizada por Hansen – como **metafísico-religiosa**. Se por um lado tal leitura possibilita uma apreensão do processo comunicativo rosiano por meio de suas imagens na pragmática do texto; esta também, se utilizada a ponto de desmistificar estas imagens, enfatizando suas funções no universo rosiano, não se sustenta pelo próprio sistema de relações que estas imagens criam e re-significam por meio de suas características simbólicas. Parafraseando o próprio Hansen<sup>30</sup>, ao deformar as imagens, o léxico, a sintática e a semântica, Rosa sustenta uma **verossimilhança** em relação ao Mistério, pois cria, na funcionalidade do fundo, um novo discurso no qual o sertão possa ser enunciado e a vida nele corajosamente vivida. Pela palavra **sertão**, o mundo para o leitor, é re-estabelecido,

<sup>29</sup> Há algumas leituras críticas da obra que procuram delinear uma distinção entre o plano do narrado e o plano do diálogo entre Riobaldo e o visitante desconhecido. Desta maneira, destacam a objetividade dos fatos passados e a subjetividade do presente. “Grande parte do livro se estrutura em duas linhas paralelas: a objetiva, de combates e andanças – criadoras da personalidade do jagunço que termina chefe do bando – e a subjetiva, marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico, oscilando entre Deus e o Diabo” (PROENÇA, 1959, p. 155). De fato, esta contrapartida existe, todavia, não é possível discriminar tais planos, dado que o leitor somente possui acesso ao relato mitopoético de Riobaldo.

<sup>30</sup> Em outro texto do autor, sustenta-se a pluralidade da obra rosiana, sobretudo a historicidade do sertão em sua dupla e tensa relação entre **produção e produto** por meio dos quais não apenas as formas materiais, mas também os discursos ideológicos são sobrepostos na narrativa (HANSEN, 2000, p. 191-193). A funcionalidade dos usos linguísticos e das formas narrativas não excluem o discurso metafísico, neste caso em sua versão política, mas assegura ao mesmo um espaço de vida por meio do qual estes podem se sustentar.

seja pelo ato narrativo de Riobaldo, seja pela leitura da obra que nos coloca diante dos perigos do mundo. Contudo, o sertão mesmo não pode ser representado objetivamente (HANSEN, 2007, 30)<sup>31</sup>, mas enunciado e, assim, tangenciado pela fala e pela memória<sup>32</sup>. Para tanto, a junção entre mundo e sertão atravessa as características físicas, geográficas, psicológicas, religiosas e a estas transcende. Cabe ao leitor **viver perigosamente** nos entrecortes dos inúmeros horizontes propostos no contar de Riobaldo.

**Entre-cortes** são apresentados o espaço e o sertão na verossimilhança do narrar e no ato da leitura. A fala almeja a explicitar a relação do humano no mundo, desvelando o importante que é obscurecido pelos acontecimentos da vida. Entre o visível e o invisível – aquilo que pode ser apreendido pelos sentidos e aquilo que carece reflexão – a fala de Riobaldo possui elementos soteriológicos e anagógicos, pois, ao narrar, o jagunço não apenas se apresenta ao ouvinte, mas se reconstrói pelo diálogo (LEFFA, 1986, p. 129-141)<sup>33</sup>. A pluralidade de funções atribuídas a Riobaldo reflete a diversidade de considerações a respeito do sertão, visto que, entre a ação e a narração, o sertão também é modificado pela memória afetiva do jagunço ao mesmo tempo em que se sustenta firmemente em sua experiência. O sertão é a vida e é a morte, indissociável relação que a todos perpassa e somente pode ser reconstituído pela linguagem que avalia o profundo das coisas<sup>34</sup>.

O sertão somente pode ser apreendido pela interiorização e na subjetividade humana em reflexão íntima sobre os acontecimentos. Tal constatação corrobora os

<sup>31</sup> O sertão é uma ficção crítica expressa por meio de suas imagens e suas indeterminações. Conclui o autor que “o leitor encontra a negação da ‘lógica’ e a afirmação dessa outra coisa, efetuada artificialmente como coisa alheia à representação. Na efetuação, as imagens de Rosa orientam o sentido poético sugerido no indeterminado da forma como evidência do sentido objetivo da liberdade da arte”. De fato, a liberdade, expressa em diversos níveis da obra rosiana, inclusive o uso linguístico e literário de inúmeras formas e jogos de linguagem é expressa justamente naquilo que não pode ser representado, mas é constantemente tangenciado: o sertão. Todavia, esta profunda liberdade possui seus limites e suas condições nas heranças recebidas e re-significadas pelo autor.

<sup>32</sup> As trans-formações da linguagem visam, nas palavras de Riobaldo, a tratar do mais profundo. O fundo sertanejo e sua funcionalidade na narrativa podem auxiliar o ouvinte-leitor por meio da simbologia herdada do autor nas palavras do narrador. A desorganização ordenada da memória contada quer enfatizar o relevante, a saber: a possibilidade de viver depois de descobrir o vivido e o não vivido ao lado de Diadorim; mas também a possível existência do pacto ou a inexistência do diabo.

<sup>33</sup> Rememorar a travessia no sertão é para o jagunço uma fonte de elementos místicos, metafísicos e religiosos que permitem ao mesmo uma renovação de si em seu ato narrativo.

<sup>34</sup> Deste modo, constata-se que a presença exterior irrevogável somente passa a ser compreendida pela intimidade do humano a viver sua plena existência em relação profunda com o seu meio. O espaço-sertão, portanto, é múltiplo, multifacetado e polissêmico. Todavia, ao narrar, o afeto e a força da memória redimensiona o espaço do sertão para a centralidade do que se deseja.

trechos selecionados e investigados, sobretudo no que se refere à afeição de Riobaldo por Diadorim, os medos e receios das travessias, a força mística e mitopoética dos lugares ao longo da narrativa. Ao afirmar que cada sentença sobre a realidade se reveste de paradoxos para ser o mais próximo possível do que se deseja, o espaço-sertão somente pode se desvelar nas incongruências da linguagem, nos limites da racionalidade e na inserção dos problemas mais profundos do humano. O sertão é um espaço de vida no qual as eminentes ações e reflexões humanas ganham seu vigor. Qualquer tentativa de se aproximar do que seja este espaço, do Vero, do Belo e do Bom somente pode ser feita indiretamente, à vista de carecer do humano, seus sentidos, suas lembranças e seus interesses<sup>35</sup>. Do mesmo modo que Riobaldo **não acerta no contar por remover o mexido alto**, tampouco nós ao adentrarmos o sertão pelo ouvir podemos separar o bom do mau, o belo do feio, o vero do falso. Embora se deseje **apontar os opostos**, classificando-os e os delimitando<sup>36</sup>, o sertão se apresenta na mistura dos opostos a abarcar a todos em seus perigos. Ao ser engolido pelo sertão e nele buscar se encontrar, o humano se vê jogado entre o **Nada** e o **Tudo**<sup>37</sup> (CASTRO, 2007, p. 142-143), habitando a **clareira** que possibilita ao humano ser e compreender o seu lugar no espaço-sertão; ao cuidar de si e da **clareira** existente entre o finito e o infinito, o dizível e o inexorável, o determinado e o indeterminado, o humano vislumbra as encruzilhadas da vida que possibilitam o narrar de sua estória – mecanismo pelo qual sua identidade e sua alteridade se manifestam pela fala. Deste modo, a interioridade do espaço-sertão possibilita a **clareira** do Ser (CASTRO, 2007, p. 165).

O sertão é o **entre-cortes** de horizontes que interiorizados e exteriorizados formulam o lugar em que o humano vive, decide seu destino e reflete sobre o sentido de sua existência. Eis um espaço mistificado em que o geográfico, o político, o físico, o metafísico e todas as outras possibilidades interpretativas do sertão estão condicionados pela fala de Riobaldo que deseja investigar o vertente. A realidade é

---

<sup>35</sup> Conforme indicado por Eduardo Coutinho, o Físico, o Ético e o Místico são inter-relacionados ao longo da obra rosiana para as exposições, descrições e considerações do sertão. Todavia, para esta exposição, opta-se pela inserção do Vero, do Bom e do Belo (COUTINHO, 1983, p. 225-226).

<sup>36</sup> Riobaldo deseja, em um dado momento, ser o **ponteador de opostos**, já que afirma carecer que o bom seja bom e o ruim seja ruim. Todavia, tal atitude não se sustenta ao longo da narrativa, porque nas travessias das veredas do sertão, esta distinção tende a se dissolver em contextos distintos e nas ações contadas pelo jagunço (GALVÃO, 1972, p. 75-77).

<sup>37</sup> A questão maior do humano, portanto, é a manifestação do Ser que torna possível pensar e cuidar de si no espaço da vida no Ser-Tao.

múltipla, ambígua, paradoxal e impossível de ser separada em categorias simples para a avaliação. No entanto, ao ter o sertão dentro de si, imaginar e conceber o espaço em que se vive por meio da fala, o jagunço aposentado transforma o mundo em seu relato ao **ultrapassar a pura referencialidade**: este universo chamado sertão é um espaço de criação (COUTINHO, 1993, p. 28-31)<sup>38</sup>.

**THE NOTIONS OF SPACE IN GUIMARÃES ROSA'S INVENTIONS  
OF THE GRANDE SERTÃO:  
MARGINS AND PATHWAYS FOR INVESTIGATING THE ESSENTIAL MATTER**

**ABSTRACT**

Guimarães Rosa's work entitled, **Grande Sertão: Veredas**, sets in the Brazilian geographic region called sertão and presents ideas of space only understood through the language created by the author and announced by his protagonist Riobaldo. The internalization of space based on human experience receives new meanings in the spatial association with memory, while expressing significant relationships among physical, living, and remembered locations. Rosa's narrative interchanges diverse elements through which its own specific verisimilitude potentializes expressions and interactions with Language in the act of reading or by listening to this narrative through Riobaldo's seek for self understanding. Through numerous narrative constructions, the following characteristics allow an approach to Rosa's poetical and mythical language about space: realistic; magical; political; logical; mystical; playful; and mnemonic.

Keywords: Space; Rosa; Grande Sertão: Veredas; Wonderment

**REFERÊNCIAS**

ALGRA, Keimpe. **Concepts of Space in Greek Thought**. Leiden: New York, 1994. 366 p.

ALMEIDA, José de. Quem tem medo de Guimarães Rosa? Introdução à leitura de Grande sertão: Veredas. In: Secchin, Antonio Carlos et alli (Orgs). **Veredas no Sertão Rosiano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 104-127, 2007.

---

<sup>38</sup> Há uma clara distinção entre o pensamento regionalista Brasileiro e estas posições rosianas, mas, também, promove-se uma nova concepção do espaço-sertão a partir da transformação da linguagem que ambiciona a uma mudança nos modos de compreensão do mundo. A distinção entre as tendências regionalistas e as realistas, nas palavras de Coutinho, é feita em uma **visão do sertão como realidade múltipla e ambígua, ao mesmo tempo específica e genérica, concreta e abstrata, exterior e interior**. Ao seu tempo, todavia, o grande conto de Rosa apresenta o sertão como uma **realidade viva e dinâmica, profunda e contraditória, dada a conhecer ao leitor através da visão e experiência existencial de um indivíduo que a carrega nas veias**.

CANDIDO, Antonio. "O Homem dos Aessos" In: Candido, Antonio. **Tese e Antítese: Ensaio**. São Paulo: Companhia Editorial Naiconal, p. 119-139, 1978.

CASTRO, Manuel Antônio de. Grande Ser-Tao: Diálogos Amorosos. In: Secchin, Antonio Carlos et alli (Orgs). **Veredas no Sertão Rosiano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 142-178, 2007.

COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa e o Processo de Revitalização da Linguagem. In: Coutinho, Eduardo (Org). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 202-234, 1983.

COUTINHO, Eduardo. **Em Busca da Terceira Margem: Ensaio sobre Grande Sertão: Veredas**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1993. 100 p.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do Falso: Um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Perspectiva, 1972. 135 p.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000. 78 p.

GARBUGLIO, José Carlos. **Rosa em 2 Tempos**. São Paulo: Nankin, 2005. 182 p.

HANSEN, João Adolfo. Forma, indeterminação e Funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa In: Secchin, Antonio Carlos et alli (Orgs). **Veredas no Sertão Rosiano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p.29-49, 2007.

HANSEN, João Adolfo. **A ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Hedra, 2000. 198 p.

HELLER, Michael. "Where Physics meets Metaphysics" In: Maji, Shahn (Org). **On Space and Time**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 238-277, 2008.

HUGGETT, Nick. **Space from Zeno to Einstein: Classic Readings with a Contemporary Commentary**. Massachusetts: MIT, 1999. 274 p.

LEFFA, Vilson José. Elementos Anagógicos em Grande Sertão: Veredas. **Organon**, Porto Alegre, 15 (1986):129-141.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa In: Coutinho, Eduardo (Org). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 62-97, 1983.

MILLER, David Marshall. **Representing Space in the Scientific Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 235 p.

PORTELLA, Eduardo. A Estória Cont(r)a a História. In: Coutinho, Eduardo (Org). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 198-201, 1983.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Trilhas no Grande Sertão. In: Cavalcanti, Proença. **Augusto dos Anjos e Outros Ensaio**. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 155-240, 1959.

ROSA, João Guimarães. **Correspondência com seu tradutor Alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 447 p.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 608 p.

ROSA, João Guimarães. **Tutameia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 267 p.

VIGGIANO, Alan. Grande Sertão: Veredas: Itinerário de Riobaldo Tatarana. In: **Veredas no Sertão Rosiano**. Secchin, Antonio Carlos et alli (Orgs). Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 87-103, 2007.